

## COVID-19 E A PAUSA NA VISITAÇÃO: EFEITOS NA ICTIOFAUNA DOS RIACHOS DO PARQUE NACIONAL DA TIJUCA

Ana Carolina Prado-Valladares<sup>1,2</sup>  
Bruno Eleres Soares<sup>3</sup>  
Erica Pellegrini Caramaschi<sup>4</sup>

### RESUMO

O Parque Nacional da Tijuca (PNT), a maior floresta urbana replantada do mundo, abriga riachos sujeitos a intensa visitação pública, o que pode impactar suas comunidades aquáticas. Em março de 2020 a pandemia de Covid-19 provocou o fechamento do PNT por cerca de um ano e meio, presumivelmente reduzindo o efeito das visitas no ecossistema. O PNT reabriu inicialmente apenas para pesquisas após esse período de ausência de visitação, possibilitando a investigação da fauna de peixes nos riachos dos seus três principais setores. Este estudo foi conduzido no momento da reabertura sem visitação turística e um ano depois do retorno da visitação com objetivo de avaliar o impacto da pressão de visitação (e.g. travessia a vau, banho, desbarrancamento das margens) na comunidade dos riachos. Foram amostrados trechos de 50 m na porção superior e inferior dos riachos do PNT, totalizando 38 localidades, utilizando pesca elétrica e manual para captura de peixes. No total, foram capturados 964 indivíduos, distribuídos entre as famílias Trichomycteridae, Loricariidae, Gymnotidae, Cichlidae, Poeciliidae. Observou-se, nos locais de maior pressão de visitação, de maior alteração ambiental e na borda do Parque, a dominância da espécie exótica *Poecilia reticulata*. O Setor Floresta, que registra a maior pressão de visitação, apresentou diferenças significativas na equitabilidade das espécies de peixes entre os anos ( $J = -2,51$ ,  $p = 0,0249$ ). Este estudo indica que a visitação pode facilitar o estabelecimento de espécies invasoras, potencialmente ameaçando a biodiversidade nativa. Ambientes menos alterados favoreceram a presença de organismos nativos e raros, enfatizando a necessidade de incluir o monitoramento da biodiversidade aquática nas estratégias de gestão das unidades de conservação.

**Palavras-chave:** Covid-19, Mata Atlântica, ictiofauna, unidade de conservação, biodiversidade aquática.

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Ecologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, [carol.pradovalladares@gmail.com](mailto:carol.pradovalladares@gmail.com);

<sup>2</sup> Pesquisadora da Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro – FIPERJ;

<sup>3</sup> Professor da Universidade de Regina - UFRJ, [soares.e.bruno@gmail.com](mailto:soares.e.bruno@gmail.com);

<sup>4</sup> Professora do Curso de Ecologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, [erica.caramaschi@gmail.com](mailto:erica.caramaschi@gmail.com)